

JUVENTUDE RURAL NA REGIÃO CELEIRO DO RIO GRANDE DO SUL: MOTIVOS PARA FICAR, RAZÕES PARA VOLTAR

Isabel Vanessa Robaert de Souza

Cesar De David

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Resumo: Esta pesquisa busca desvendar, as razões de retorno e permanência de jovens rurais ao campo, na região Celeiro do estado, mesmo seguindo o caminho contrário às estatísticas, que aponta cerca de 85% de urbanização no Brasil. Os jovens saem do campo por diversos motivos, entre eles a falta de renda, autonomia, participação na gestão da propriedade rural, problemas nos relacionamentos familiares, e as jovens mulheres são as que mais saem do campo. Nesta pesquisa qualitativa, a revisão bibliográfica se desenvolveu acerca dos temas Juventude Rural, território, região, desenvolvimento rural e políticas públicas, nas áreas das ciências humanas e agrárias, enquanto contribuintes para o processo de permanência do jovem no campo, sendo pesquisadas as contribuições dos geógrafos com as questões propostas. Para o trabalho de campo da pesquisa-ação, o Curso Empreendedorismo e Desenvolvimento para a Juventude Rural, realizado pelo Centro de Treinamento de Agricultores de Bom Progresso, da Emater/RS – Ascar da região intermediária de Ijuí, foi o laboratório de pesquisa, onde 24 jovens participaram, de 10 municípios. Buscou-se demonstrar a perspectiva dos jovens, sujeitos principais em foco, construindo análises e resultados da reflexão.

Palavras-chave: Juventude rural. Região Celeiro. Território. Desenvolvimento rural.

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é identificar os motivos, ou razões, que estão levando jovens rurais a retornar ou permanecer no campo, na região Celeiro do Rio Grande do Sul. De forma mais específica, identificar o cenário atual da juventude rural enquanto categoria analítica e sua inserção na agricultura familiar, no desenvolvimento rural e nas políticas públicas. Especialmente, pretende-se investigar as contribuições da ciência geográfica para estas questões, analisando o território e a formação socioespacial e histórica da região, das territorialidades e re-territorializações intrinsecamente construídas pelos jovens rurais e suas famílias, de forma a trazer evidências através destas experiências, na perspectiva dos sujeitos.

O referencial teórico apoiou-se em autores das ciências humanas e agrárias, utilizando-a abordagem qualitativa. O trabalho de campo destacou-se nesta pesquisa-ação. O recorte espacial ocorreu na região Celeiro do Rio Grande do Sul e suas particularidades.

Tendo em vista muitos autores abordarem os motivos de saída dos jovens do campo, buscou-se entender o processo de sucessão rural e conseqüentemente a reprodução social da agricultura familiar que está acontecendo, sendo manifestações do pertencimento e da identidade rural, que caracterizam a territorialidade no espaço geográfico.

Ainda que de forma incipiente diante dos dados estatísticos, estes sujeitos e suas estratégias de resistência podem ser uma inspiração para outros jovens, para instituições e pesquisadores.

MÉTODO DE PESQUISA

Para Serpa (2006, p. 10), o trabalho de campo é peça fundamental para superação das ambiguidades, dicotomias da ciência geográfica. Dentro do enfoque qualitativo da pesquisa, as descrições foram muitas vezes subjetivas, preocupando-se em retratar a forma que os sujeitos/participantes da pesquisa se enxergam em sua realidade de vida. “Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar” (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 275).

A pesquisa-ação ocorreu durante as duas ofertas de capacitação promovidas pela Emater/RS – Ascar, por meio do Centro de Treinamento de Agricultores de Bom Progresso/RS, dos cursos de “Empreendedorismo e desenvolvimento para a Juventude Rural” havendo encontro com os jovens nestes momentos e a observação participante sempre intensa, durante os encontros, dias de campo, excursões técnicas que fizeram parte da carga horária do curso (120hs/aula). Os cursos ocorreram em módulos, o primeiro em formato híbrido, tendo encontros virtuais e presenciais, e sua segunda edição em 5 módulos de dois dias cada, todos presenciais.

A culminância ocorreu com a construção de projetos produtivos pelos jovens, desenvolvidos em suas propriedades rurais em conjunto ou com apoio de sua família. Segundo Weisheimer (2019, p.14): “Os projetos [...] permitem a objetivação das representações dos jovens sobre suas possibilidades futuras de permanência ou saída da atividade agrícola. [...] é a expressão de um esforço de reflexividade dos jovens em estabelecer objetivos de inserção no mundo do trabalho”.

A escolha dos jovens participantes da pesquisa se deu na percepção da pesquisa-ação quanto a tomada de decisão destes jovens para a permanência na agricultura familiar, do retorno ou mesmo da escolha pelo caminho inverso, ou seja: da cidade para o campo. Foram 24 jovens que participaram da pesquisa, na faixa etária entre 14 e 29 anos, sendo 09 jovens mulheres e 15 jovens homens, a maioria estudantes do ensino fundamental, médio, técnico, superior e 03 jovens mulheres graduadas em agronomia e gestão ambiental.

A análise dos dados foi realizada após a finalização do segundo curso, refletindo constantemente a partir das vivências de extensão rural e coordenação do curso, da autora.

A REGIÃO CELEIRO DO RIO GRANDE DO SUL

Para Santos (1994, p.55): “Compreender uma região passa por entender como funciona a economia em nível mundial e rebatê-la no território de um país com a intermediação do Estado, das demais instituições e do conjunto de agentes da economia, a começar pelos seus atores hegemônicos”.

A região Ceileiro foi o último Corede a ser criado pelo estado do Rio Grande do Sul, em 2008, se configurando uma resposta do estado às reivindicações da comunidade, instituições e governança destes municípios (ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2017). Pode-se observar no mapa abaixo, os municípios que compõem a Região Ceileiro, bem como sua localização na extremidade norte/noroeste do Rio Grande do Sul.

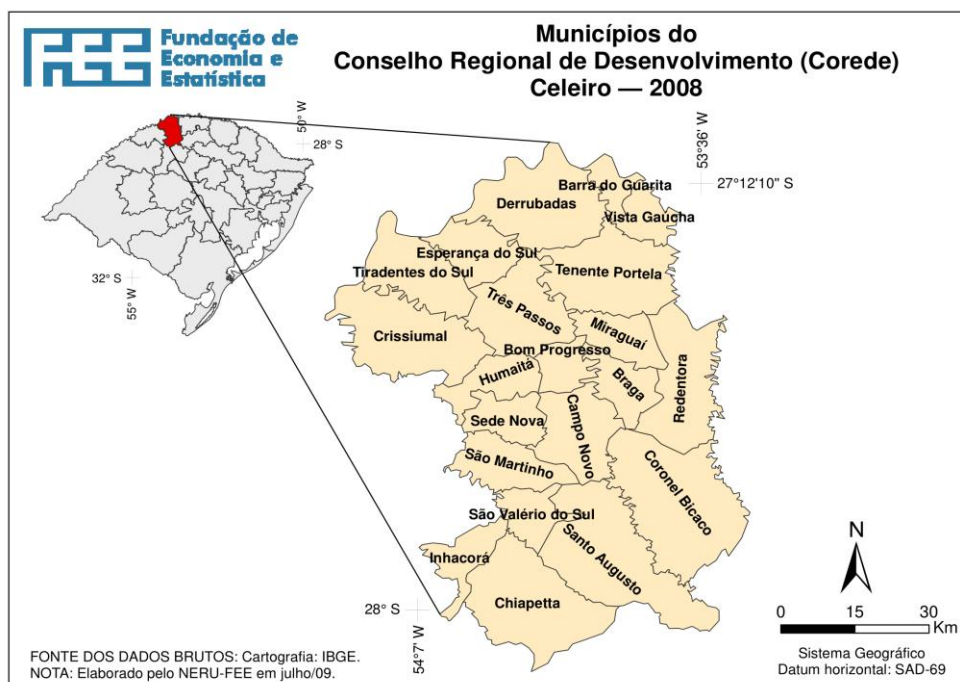


FIGURA 4 – Mapa Região ou Corede Celeiro do Rio Grande do Sul

Fonte: Estado do Rio Grande do Sul, 2009.

A economia regional é baseada na produção agropecuária, sendo 23,9% de participação na economia, com a produção de grãos (soja, milho, trigo) e criação de suínos e aves, destacando-se a produção de leite. Entretanto, a bacia leiteira que caracteriza as pequenas propriedades e agricultura familiar na região, vem sendo substituída pela produção de soja.

Segundo a análise do perfil socioeconômico do Corede Celeiro, “[...]a população apresentou diminuição no período 2000-2010, o que reflete o baixo dinamismo de sua economia, sendo que a maior parte dos indicadores sociais se encontra abaixo das médias estaduais, principalmente no que se refere a renda, saneamento e saúde da população” (BERTÊ et al., 2016, p.28).

A região Celeiro era ocupada inicialmente pelos povos indígenas. Em seguida chegaram os caboclos e negros fugitivos (ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2017). Os primeiros imigrantes de origem europeia chegaram a partir 1918, de colônias já estabelecidas anteriormente. Predominou a partir de então, tendo seu pico na década de 1930, na região norte do Rio Grande do Sul, a “produção agropecuária colonial no molde familiar” (DAVID, 2005, p.60). Até os dias atuais, a estrutura fundiária na região Celeiro permanece caracterizada pelas pequenas propriedades, com 95% possuindo até 50 hectares (ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2017).

Com a introdução das culturas do trigo e da soja, a partir de 1950, a estrutura regional voltou-se para estas atividades agrícolas, consolidando-se na década de 70. Até os dias atuais a monocultura da soja representa 55% da produção agrícola na região, parte importante do PIB regional.

O período pós década de 70, foi caracterizado fortemente pela expulsão do campo dos pequenos agricultores, que não encontraram na lógica do mercado e das *comodities* do trigo e da soja lugar de existência e permanência no meio rural.

A região Celeiro registra em alguns municípios, os mais baixos índices de desenvolvimento humano e econômico, considerada uma das regiões mais pobres do Rio Grande do Sul, tendo como região, o índice Idese/RS em 0,719, inferior ao da média estadual, 0,744 (RIO GRANDE DO SUL, 2017).

As maiores perdas populacionais estão na área rural onde, à exceção de Redentora, todos os municípios apresentaram diminuição. Entretanto, a região apresenta um dos maiores índices de população vivendo no meio rural do Rio Grande do Sul.

A JUVENTUDE RURAL E O TERRITÓRIO

A Unesco (2017) considera jovens as pessoas com idade entre 15 e 24 anos. Essa mesma faixa etária é legitimada pelo Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), enquanto que para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (1999), considera-se jovem o indivíduo entre 15 e 29 anos. O conceito juventude rural perpassa uma análise complexa que envolve o trabalho, conforme Weisheimer (2009, p.112, grifo nosso):

Diferente de outras situações, este é um caso onde o trabalho produz a juventude, uma vez que é ele que posiciona o jovem no espaço das relações sociais. Ou seja, é a socialização no processo de trabalho familiar agrícola que produz a categoria dos jovens agricultores familiares. Uma vez estabelecida, teoricamente, a especificidade desta categoria juvenil, pode-se buscar empreender esforços para descortinar sua contribuição ao desenvolvimento desta forma de agricultura no Estado do Rio Grande do Sul, o que se evidenciou em ao menos quatro processos: *na colonização, na ocupação da fronteira agrícola, na difusão de novas técnicas da modernização agrícola e mais recentemente no processo migratório rural-urbano.*

Neste sentido, apresenta-se também o território, um conceito polissêmico, trazendo interpretações materiais e imateriais. Neste momento, o objetivo é trazer luz sobre o território e a juventude rural, entendendo que esses conceitos se entrelaçam e contribuem um com o outro. Santos (1994, p.19), aborda com muita propriedade o sentido de território refletido aqui:

[...] a linguagem cotidiana freqüentemente confunde território e espaço. [...] Para uns, o território viria antes do espaço; para outros, o contrário é que é verdadeiro. Por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada. Mas o sentido da palavra territorialidade como sinônimo de pertencer àquilo que nos pertence [...] esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescinde da existência do Estado. Assim, essa ideia de territorialidade se estende aos próprios animais, como sinônimo de área de vivência e de reprodução. Mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que entre os seres vivos, é privilégio do

homem. Em um sentido mais restrito, o território é um nome político para o espaço de um país. [...] pode-se falar de territorialidade sem Estado. Mas é praticamente impossível nos referirmos a um estado sem território.

O território é a extensão apropriada e usada, vista como unidade e diversidade, também uma terminologia política para vários espaços sociais. Seguindo esta concepção, também há referência a Haesbaert (2021, p. 121), quando expressa e reflete sobre o corpo-território: “ao tratarmos o corpo como território [...], temos uma série de articulações cada vez mais complexas, com outras escalas, como da propriedade privada [...], a dos domínios jurídicos, religiosos, econômicos...”.

O conceito de território relacionado ao tema juventude rural, utilizado neste estudo, refere-se aquele construído pelo trabalho e suas relações implícitas (WEISHEIMER, 2009). Ocorre uma aproximação com o conceito de território, e suas derivações, como a territorialidade, que seria o pertencimento construído por estes jovens, ou a desterritorialização, quando eles precisam sair do campo. A re-territorialização, quando eles retornam, ou estando na cidade, vão para o campo.

Assim, o território é fruto de uma complexidade na relação entre os processos sociais e o espaço material e imaterial, conforme Santos (2007, p. 22):

O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

Chelotti (2009, p. 07, grifo nosso) também relaciona o conceito de identidade ao pertencimento territorial:

A identidade é construída por subjetividades individuais e coletivas e pode estar relacionada a grupos sociais ou ao *pertencimento territorial*. Portanto, percebe-se que a incorporação da dimensão simbólica, do imaterial no discurso geográfico, tem possibilitado uma enorme riqueza nas análises sobre a produção do espaço, das paisagens, das territorialidades.

Neste espaço/tempo de complexidades das relações, do espaço material e imaterial a investigação se direciona para a juventude rural e suas razões de saída, ou desterritorialização do campo.

Segundo o IBGE (2010), a taxa de urbanização é de 85% no Rio Grande do Sul, ainda que na região Celeiro seja menor (60%). Enquanto a produção de alimentos e a demanda por estes aumentam, diminui a cada ano a população do meio rural, bem como os estabelecimentos da agricultura familiar.

Alguns autores apontam que a falta de autonomia e renda para a juventude, as condições de trabalho, os conflitos nas relações familiares, principalmente de origem intergeracional e de gênero, estão entre as mais citadas razões de saída dos jovens do campo, em suas pesquisas realizadas em todo o Brasil. Aliado a isto, ainda reflete Castro (2005):

Existe uma fala constante quando se remete à juventude rural, que é a de que os jovens não mais compartilham interesse pelo campo e só almejam sair para a cidade, sendo uma categoria social que remete a um problema social que é o do esvaziamento do meio rural e a superlotação de cidades de pequeno e médio porte.

Essa visão acaba repercutindo entre as populações urbanas e rurais “e culmina a invisibilização das juventudes presentes no campo que não seguem tal modelo imposto de não permanência” (BRASILEIRO, 2016), ou seja, os jovens que efetuam o movimento contrário, de permanência e retorno ao meio rural acabam por sofrer um processo de invisibilização, ao qual Weisheimer (2013) reflete profundamente:

A invisibilidade consiste na característica de um objeto de não ser visível aos observadores porque não absorve nem reflete luz. Ao acrescentarmos o termo social, estamos nos referindo a situações em que determinados sujeitos se encontram imperceptíveis nas relações sociais. Trata-se, portanto, de uma ação social que implica em não ver o outro, não enxergar sua existência social e tudo que decorre deste fato. Ou seja, por invisibilidade social entendemos todo um processo de não reconhecimento e indiferença em relação a sujeitos subalternos da sociedade. Esta invisibilidade social nega ao outro o direito ao reconhecimento e à identidade social.

Por outro lado, os jovens rurais recebem uma “pressão” da sociedade, como se fosse deles a responsabilidade pela continuidade da agricultura familiar e sua intrínseca produção de alimentos. Como qualquer jovem, almejam tomar suas próprias decisões e fazer escolhas, sendo que a decisão quanto a profissão é uma das mais significativas na vida de todo o ser humano.

A pressão se torna maior quando se fala em agricultura familiar, entendida como modo de vida e não apenas enquanto profissão. Em especial as mulheres jovens empreendem o que se aponta como “comprometimento à reprodução social do campo e da agricultura familiar”, considerando o principal extrato social que migra para a cidade (BRUMMER, 2007).

Segundo Savian (2011), a sucessão na agricultura familiar engessa a noção de profissão, mas também de espaço e modo de vida e sociabilidade, envolvendo três componentes: transferência patrimonial, continuação da atividade profissional paterna e retirada gradual das gerações mais velhas do comando do negócio. Abramovay (1998), ressalta que no Brasil, geralmente a sucessão ocorre após o falecimento dos pais, através da herança, onde a ocorrência de conflitos entre os herdeiros também é apontada por Zorzi (2005).

Para Savian (2011), a tomada de decisão, quanto a ficar ou partir, muitas vezes é “decidida” pelos pais, destacando-se as contribuições de Santos (2006) para a formação da idéia de “decididores”, sendo que outros decidem pelos atores quem serão, o que farão, etc. Brumer (2007), afirma que os jovens reivindicam remuneração e poder de decisão sobre o uso da almejada renda a ser obtida, e Carneiro (1998) argumenta que os jovens ficam indecisos entre ficar e partir:

Os jovens oscilam entre o projeto de construírem vidas mais individualizadas, o que se expressa no desejo de “melhorarem o padrão de vida”, e “serem algo na vida”, e o compromisso com a família, que se confunde também com o sentimento de pertencimento à localidade de origem, já que a família é o espaço privilegiado de sociabilidade nas chamadas “sociedades tradicionais”.

Abramovay (1998), destaca que as causas da migração campo-cidade envolvem determinantes como problemas de gênero e geração, falta de autonomia dos jovens e pouca participação na gestão da propriedade, além do trabalho e da renda.

Construiu-se um esquema para contribuir com o entendimento dos principais aspectos abordados pelos autores estudados e que refletem na migração dos jovens rurais para as cidades:

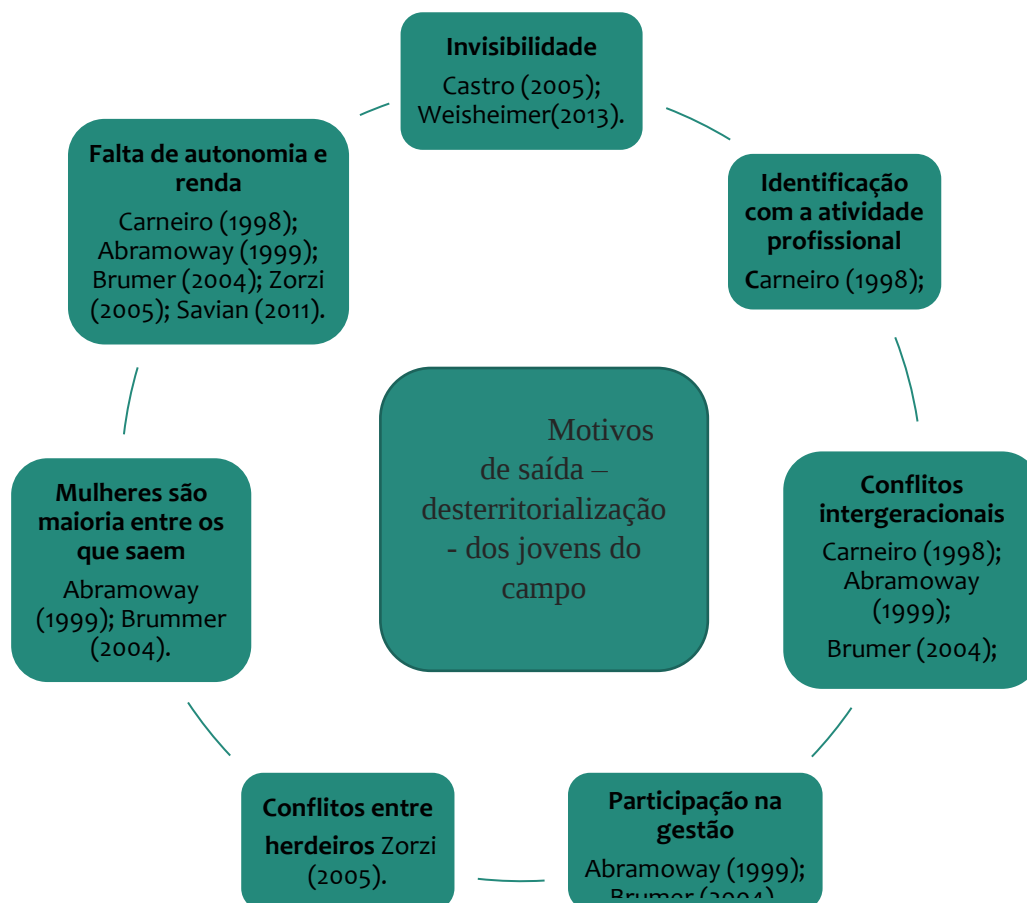


TABELA 2 – Representação dos motivos e características principais de saída dos jovens do campo entre os apontamentos dos pesquisadores estudados.

Org: Autora, 2022

Constituindo grande contribuição nesta problemática, a tese de Castro (2005) definiu a juventude rural como uma categoria social, objeto de análise que ganhou força devido aos processos migratórios campo-cidade que caracterizam o êxodo rural, que ocorreu a partir da década de 70, intensificando-se nos anos 80 e ainda tendo reflexos na década de 1990. Esses fenômenos contribuíram para o cenário da atualidade, que estatisticamente tornam o Brasil um país predominantemente urbano (WEISHEIMER, 2009), com 85% de sua população residindo no meio urbano, embora os geógrafos questionem, considerando que existe uma invisibilidade instituída e intencional das populações camponesas, que é gerida pelo sistema que vigora que busca a homogeneização dos lugares, concordando então com o que Weisheimer (2013) pontua anteriormente sobre a invisibilidade das juventudes no campo.

Algumas pesquisas (empíricas e científicas) demonstram a contradição existente entre os dados e as teorias analíticas e a realidade. Como por exemplo, em um encontro de jovens realizado pela Emater/RS – Ascar, Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e Prefeituras Municipais da região do Corede

Noroeste Colonial, no ano de 2018, no município de Nova Ramada, foi realizada uma pesquisa empírica com 134 jovens. Dentre estes jovens, 61,19% tinham 18 anos ou menos, sendo que 111 destes jovens, ou seja, 82, 83% responderam que pretendem continuar no meio rural e realizar a sucessão rural em suas propriedades.

O principal motivo apresentado pelos que não desejam permanecer é a falta de identificação com a atividade rural. Entre os que almejam ficar, apontaram-se como fator essencial de permanência algumas características do lugar/meio rural (calmo, maravilhoso, qualidade de vida, natureza) e da profissão/agricultura familiar (me identifico, gosto da lida do campo, gosto de tirar leite, etc) e alguns ainda manifestaram o desejo de “ajudar” os pais, como motivo de permanência.

Entre 593 jovens entrevistados, na pesquisa “ Situação Juvenil na Agricultura Familiar” 69,3% dos jovens querem suceder seu pai na gestão da unidade de produção familiar, sendo que 30,7% não desejam (WEISHEIMER, 2009).

Diante destas e inúmeras outras pesquisas, é importante refletir: Quais os motivos que os levam a permanecer diante de um cenário oposto? Existe um movimento de retorno de pessoas da cidade para o campo?

Neste sentido, a ciência geográfica também tem muito a contribuir, pois segundo Cavaliere (2010), “Geografizar as práticas cotidianas implica entender como os grupos sociais se territorializam e todas as contradições deste processo, muitas contradições com origem no embate entre uma ordem camponesa e uma racionalidade econômica imposta pelo capital. Buscar entender as formas de territorialização e re-territorialização dos jovens rurais se mostra compatível, teoricamente, com os estudos sobre juventude rural.

DESENVOLVIMENTO RURAL E POLÍTICAS PÚBLICAS

As políticas públicas são entendidas como meio para alcançar equidade, diminuição da pobreza e das desigualdades sociais (SEN, 2010). Torna-se imprescindível analisar a conjectura dos lugares, das regiões e dos territórios e seus sujeitos, pois estes demonstram a necessidade de entender as estratégias para a reprodução social e de que forma as políticas públicas poderão se adequar, se construir e reconstruir de forma promissora a atender as necessidades e assim alavancar/ contribuir para o almejado desenvolvimento rural no espaço geográfico.

Os referenciais das políticas públicas, para Schneider e Grisa (2015), “tratam-se dos instrumentos que tornam efetiva a ação do Estado a partir das diferentes representações de mundo e dos problemas públicos construídos pelo conjunto de atores envolvidos na sua elaboração...”. Então é necessário verificar algumas possibilidades destas representações, como do entendimento sobre o que vem a ser o desenvolvimento.

Grisa e Schneider (2015) definem o desenvolvimento rural entendido enquanto processo que resulta de ações articuladas, que visam induzir mudanças socioeconômicas e ambientais, no âmbito do espaço rural, para melhorar a renda, a qualidade de vida e o bem-estar das populações rurais.

As políticas públicas permeiam as áreas de agricultura, educação, assistência social, saúde, e fazem diferença na vida dos sujeitos inseridos no meio rural, seja para gerar renda, para a qualidade de vida e combate à pobreza e as desigualdades. Em âmbito nacional, destacam-se alguns programas governamentais de acesso ao crédito e à terra, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o Programa Terra Brasil. No Rio Grande do Sul, pode-se citar o Fundo

Estadual de Apoio ao Desenvolvimento de Pequenos Estabelecimentos Rurais (Feaper), o Programa Estadual das Agroindústrias (Peaf), entre outros. Em nível municipal, projetos e programas se destacam e têm ganhado força, como o apoio para a construção e manutenção das estradas rurais nos municípios, incentivo a criação e manutenção das feiras livres.

Se as políticas públicas persistirem e se robustecerem, sendo lapidadas pela prática, elas se constituirão e contribuirão para o desenvolvimento rural. Caso contrário, serão desestruturadas e desaparecerão, sem sentido real e concreto nos lugares, regiões ou territórios em que estão inseridas. Pode-se refletir também que talvez cumpriram seu papel em seu tempo, e no próximo momento, neste tempo tão rápido que vivenciamos, elas deixam de fazer sentido e existem, sendo substituídas ou não. Na discussão e análise dos dados de campo, pode-se observar como as políticas públicas estão inseridas no contexto dos jovens rurais da pesquisa, e em que medida estão contribuindo para o desenvolvimento rural e as territorialidades no campo.

O QUE OS JOVENS DA REGIÃO CELEIRO COMUNICAM SOBRE SUA PERMANÊNCIA E RETORNO, OU IDA, AO RURAL

A maioria dos jovens que participaram da pesquisa, estão realizando a sucessão na propriedade familiar, recebendo incentivo, em maior ou menor escala, de sua família, e buscando o conhecimento, qualificação na universidade e em cursos de capacitação, como este ofertado pela Emater/RS – Ascar, entre outras instituições, para dar continuidade às atividades desenvolvidas pela família e/ou diversificar as atividades, buscando novas fontes de renda, possibilitando assim sua permanência no campo.

A faixa etária permeou as idades entre 14 e 18 anos, que concentraram, juntas, 51 % dos participantes da pesquisa e as idades entre 19 e 29 anos, 49% dos participantes. Desta forma, ficou quase que igualmente dividido entre menores e maiores de idade. A maioria dos jovens, cerca de 70%, tinham menos de 20 anos, sendo 10 jovens mulheres e 14 jovens homens.

No trabalho de campo, foi possível analisar aspectos relacionados ao vínculo com a agricultura familiar, suas respectivas famílias, o lugar importante da terra e sua posse, que se mostra imprescindível para a permanência dos jovens no campo, como este relato deixa claro:

Moro com minha mãe nas terras do meu irmão. Estou fazendo uma estufa para o projeto (*produtivo*). Temos açude com muitos peixes[...] um pequeno pomar [...] muitos animais, porcos, vacas, terneiros, patos, galinhas, cachorros, gatos. Tudo o que plantamos e criamos é apenas para o consumo próprio, não ganhamos renda com isso. Para nosso sustento, temos que trabalhar fora, *pois temos poucas terras pra plantar e não temos como criar muitos animais para obter alguma renda.* (Amanda, 27 anos, grifo nosso, 2021).

É possível perceber neste relato, o desejo incerto de permanecer, devido à falta da posse da terra, a desterritorialização implícita. Já outro jovem, atualmente residindo na cidade, manifesta o “amor pela terra” como o principal motivo dele estar em busca da vida no campo: “O motivo de eu querer ir para o campo é o amor que eu tenho por essa propriedade e por gostar da vida campeira, mesmo que seja simples é o que me faz feliz”. (Ezequiel, 14 anos).

Ocorre o processo de desterritorialização, a exemplo da jovem que não tem perspectivas de permanecer na agricultura, ainda que o queira; e o processo de territorialização, a exemplo deste jovem

que não está no campo, vive no ambiente “urbano”, mas o deseja e tem perspectivas para isso, através da posse da terra pela família. A jovem Amanda ainda está no campo, residindo e cuidando de sua mãe, idosa aposentada, mas até quando?

Sobre as propriedades e as atividades desenvolvidas pelas famílias foi possível analisar que as propriedades das famílias dos jovens variam entre 6 a 60 hectares, a maioria não ultrapassando 01 colônia, ou 01 lote, como muitos deles identificaram, que na região varia de 18 a 24 hectares. Vários deles, são filhos de agricultores que estão realizando a sucessão na propriedade de seus pais, portanto fazem parte da terceira geração na agricultura familiar.

A maioria das propriedades tem na produção leiteira sua principal fonte de renda (13 propriedades, 14 jovens), contando com áreas de produção de milho para silagem e áreas de pastagem. Os sistemas de produção de leite variam de produção de leite a pasto ao confinamento.

Apenas três famílias dedicam-se, enquanto atividade principal, ao cultivo de grãos, sendo as propriedades mais antigas, e com a maior quantidade de terra entre todas. O cultivo de soja/milho/trigo ocorre nas propriedades com áreas mais planas e maiores, e o leite, a fruticultura, e a criação de pequenos animais (piscicultura, avicultura e suinocultura) nas propriedades localizadas em áreas menores e mais acidentadas do relevo. Entre os jovens da pesquisa, a grande maioria se encontra no segundo caso exposto.

A produção de frutas (morangos, pêssegos, laranjas e figos) é a principal atividade para duas famílias e a piscicultura tem se mostrado uma importante atividade secundária. Um jovem pretende mudar a matriz produtiva da propriedade, substituindo a produção leiteira pela avicultura colonial. Isto mostra que os jovens buscam participação na gestão e autonomia da propriedade familiar, o diálogo implícito nas relações familiares, se faz necessário para a construção destas territorialidades.

O comprometimento dos jovens com suas famílias se mostrou forte motivo de retorno e permanência dos jovens no espaço rural. A jovem Yasmim, de 29 anos, tendo saído de casa para estudar, chegou a trabalhar em diversos locais no espaço urbano, porém voltou, por dois motivos: Primeiro para cuidar da mãe por motivos de saúde, e em segundo, por gostar da atividade rural, conforme seu relato: “Eu voltei para a agricultura para ajudar minha família e por gostar de ser agricultora”.

A identificação com a profissão agricultor foi a mais recorrente, onde grande parte dos jovens fazia questão de afirmar esta prioridade na decisão de ficar, retornar, ou “ir” para o rural: “Gosto do que faço todos os dias, tenho qualidade de vida. Além da oportunidade de gerenciar meu próprio negócio e poder organizar minha empresa a céu aberto do jeito que eu quero. Por fim a boa remuneração que é fruto do meu trabalho”.

A jovem Vivian, de 26 anos, reside com seus pais em uma propriedade de 17 hectares, adquirida por eles mesmos, através do trabalho com a produção de leite. A família utilizou uma política pública de crédito rural para a compra de sua terra. A mãe de Vivian revela que quando compraram, a cerca de 20 anos, disseram que “eles eram loucos”, nunca conseguiriam pagar a terra com a renda da atividade leiteira. Mas, ela muito se orgulha, além de pagar a terra, construíram casa nova, e agora ajudam a filha a investir na estufa de morangos e construir sua casa própria. Vivian relata: “desde pequena eu amo os animais e a vida no interior com meus pais”. Prossegue dizendo: “Fiz agronomia para trazer mais alternativas de renda, como é o caso das estufas de morango que implantei na propriedade, e também trabalho com o leite”, disse Vivian.

Para as demais jovens, com menos idade, que participaram do curso, Vivian foi uma inspiração, um exemplo de que é possível uma jovem mulher ter sua própria atividade no meio rural, podendo desenvolver praticamente sozinha todas as etapas envolvidas na produção.

Em uma das técnicas utilizadas, uma das meninas mais jovens demonstrou o desejo de “ter sua estufa de morangos”, inspirada em Yasmin. Neste breve momento, também foi possível perceber o quanto os jovens, neste caso os “jovens rurais” procuram em outros jovens exemplo e inspiração para suas próprias atividades.

Constatar que outros jovens conseguem, mostrou-se estimulante e inspirador, podendo ser uma ponte para uma nova percepção acerca de seus próprios estilos de vida e o vislumbre de uma possibilidade de construir sua vida no rural.

A jovem Lidiane, de 23 anos, se mostrou muito determinada: “Eu não me vejo em nenhum outro lugar, eu gosto de trabalhar na agricultura e viver no meio rural”. Na sua família, todos os três irmãos estão trabalhando na propriedade, que passou da produção de leite a pasto para o sistema confinado há pouco tempo, também atuando na produção integrada de suínos, aves e produção de grãos, em menor escala, ou menos significativa financeiramente. Em sua infraestrutura para a produção, tem um ritmo intenso de trabalho para “dar conta” de todas estas atividades que estão empreendendo.

As irmãs Elisa (24 anos) e Luana (17 anos), definem suas razões de permanência: “O motivo de eu jovem rural permanecer no campo foi, primeiramente por gostar de trabalhar com a agricultura (ponto principal que levou também a escolha da graduação em agronomia) e pela oportunidade de trabalhar no próprio negócio, agregando valor na propriedade (Elisa). Helena alega: “O motivo é que gosto da vida que levamos, gosto de trabalhar no leite e quero ajudar a fazer a nossa propriedade crescer cada vez mais”. A mãe das jovens foi muito franca em dizer que gostaria que as filhas permanecessem junto com a família na atividade rural, desde que “[...]tenha renda[...]”. Fica claro que é necessário muito diálogo entre a família para que o processo de sucessão rural ocorra. Como um negócio, um empreendimento, o jovem se torna o “dono”, ou “sócio”, arcando com os momentos de crise também.

O jovem Miguel, de 21 anos, formou-se técnico em agropecuária, dizendo sobre sua permanência no espaço rural: “Tem muitos motivos, a gente produz tudo aqui, não precisa comprar, e a paixão pelo que a gente faz... se é para eu ficar trancado em quatro paredes, eu fico louco. Desde pequeno gosto da agricultura, me acostumei e não largo, é a paixão pelo que faço.” Embora Miguel não tem na lida com as vacas sua preferência, se dedica, pois é o foco da propriedade da família, que tem por objetivo ampliar a produção, através do confinamento dos bovinos de leite e de corte. Mais uma vez, fica evidente que onde há um sucessor, há um planejamento para a ampliação e/ou intensificação das atividades e da renda familiar.

João Vitor, 20 anos, estudante de agronomia, demonstra que a permanência na agricultura familiar está relacionada a continuidade do trabalho e modo de vida de seus pais e avós: “Acredito que para continuar um legado que meus pais desde jovem receberam, de geração para geração, que é produzir alimento e viver sempre em contato com a natureza, e por gostar do que faço.” A mesma idéia também é defendida por Roberto, de 20 anos: “Para mim o motivo foi por eu poder estar junto do meu pai e minha mãe e por gostar de trabalhar na agricultura e assim dar continuidade nos trabalhos que minha família já vinha desenvolvendo.”.

Tiago, de 20 anos, diz: “No campo você produz vários alimentos para o consumo que na cidade não se pode, você é mais livre, não tem um chefe.” Essas afirmativas reforçam a idéia de autonomia, tanto na produção de alimentos quanto de gestão de negócio.

O jovem Emerson, de 19 anos, está cursando agronomia, e junto com seus pais e dois irmãos mais novos demonstram um grande amor pela agricultura: “Quando tu gostas do que faz, faz toda a diferença na atividade escolhida, a minha é a agricultura.” Na propriedade, a família produz leite e grãos, tendo também iniciado a produção de pitayas, um novo projeto.

Jonas, 16 anos, dedica-se aos estudos no curso técnico estadual em agropecuária, ele demonstra um comprometimento com a atividade agrícola: “Se nós jovens não permanecermos na agricultura uma hora não terá mais quem dará continuidade, pois os jovens são o futuro.” Na propriedade familiar de 18 hectares, Jonas e seus pais dedicam-se a bovinocultura leiteira.

Augusto, 16 anos, cursando ensino médio, declara: “O principal motivo é o amor e a paixão pela agricultura, aí depois vem a sucessão familiar e a qualidade de vida”. A sua família dedica-se exclusivamente a produção de grãos, especialmente a produção de soja.

Juliano, 16 anos, cursando o técnico em agropecuária, afastou-se da atividade quando foi estudar em regime de internato. Sua família produz morangos em estufas. Juliano demonstra ter interesse em retornar: “Pretendo voltar e administrar o trabalho com morangos.”.

A jovem Luana, de 15 anos, está iniciando o ensino médio, na prática demonstra grande maturidade e responsabilidade com a família, trabalhando lado a lado com seu pai na produção integrada de suínos, pois sua mãe tem problemas de saúde. Em sua fala, a jovem Luana demonstra entender o esforço já realizado pelos seus antecessores para construir o conhecimento e o empreendimento na agricultura familiar, em uma área bem pequena, de 6 hectares, a jovem representa a terceira geração que está desenvolvendo a atividade neste lugar.

Suzana, de 15 anos, quando questionada sobre o motivo de ter a intenção de permanecer na agricultura e meio rural, ela afirma: “Porque no interior o ar é mais puro, a alimentação é mais saudável, menos correria no dia a dia, o ambiente é tranquilo, as pessoas são mais felizes, poder determinar seu horário de trabalho, não ter agitação como é na cidade”.

Os jovens nesta faixa etária em geral têm feito afirmações semelhantes, como o Michel, de 15 anos: “Eu vou ficar no campo porque gosto de trabalhar com animais e lavoura.” Ele e sua família trabalham com bovinocultura e o jovem pretende dar continuidade a produção de leite, melhorando as instalações para a ordenha, inicialmente.

José, de 15 anos, que está cursando o ensino médio, declara a razão de querer permanecer: “Melhor qualidade de vida e ganhar mais, na cidade você tem que comprar tudo e no interior tu pode plantar o que vai consumir”. Em seu projeto produtivo, José pretende investir na produção de peixes, iniciando a limpeza de um pequeno açude que já existe na propriedade.

Para Francisco, de 15 anos, que estava finalizando o ensino fundamental:

Eu acho que o principal motivo de um jovem rural permanecer no campo é por dar uma continuidade na propriedade e no trabalho familiar. Trabalhamos com animas para o nosso próprio consumo (bovinocultura de corte, suinocultura, avicultura de corte e postura), nossa atividade predominante na família sempre foi produção de grãos (aveia, trigo, milho e soja), onde entregamos tudo em cooperativas do município.

Para Francisco, parece muito natural esta continuidade, e a tradição de sua família na produção de grãos levou o jovem a desenvolver um projeto produtivo sobre horta doméstica, investindo assim na produção de alimentos para o autoconsumo.

Laura, de 15 anos, iniciando seus estudos no ensino médio, responde com muita simplicidade quando foi questionada sobre o motivo de permanecer na agricultura: “Para ter sucessão rural”. A jovem reside com a família em uma pequena área, parte de um lote do avô. A produção de pêssegos, é a principal cultura implantada e com grande conhecimento pela família, também produtora de laranjas e figos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se uma uniformização das afirmativas dos jovens, descrevendo uma aproximação dos motivos de retorno e permanência, sendo que quatorze jovens citaram o gostar, amar, ter paixão pela atividade e pelo campo, pelas atividades rurais; dez jovens citaram a responsabilidade com a família, o legado, a continuidade do trabalho; seis jovens fizeram referência a qualidade de vida no campo; cinco jovens pontuaram entre os motivos a produção de alimentos, “não precisar comprar”; cinco jovens alegaram a liberdade, o negócio próprio; três jovens referiram a importância da renda, a remuneração satisfatória no campo e por fim; dois jovens destacaram o contato com a natureza proporcionado pela vida no campo.

Conforme o número de vezes que foram citados, no gráfico abaixo foram agrupados estes motivos, mostrando aqueles que mais foram apresentados pelos jovens em suas afirmativas e reflexões, para o retorno, permanência ou “ida” para o meio e atividade rural.

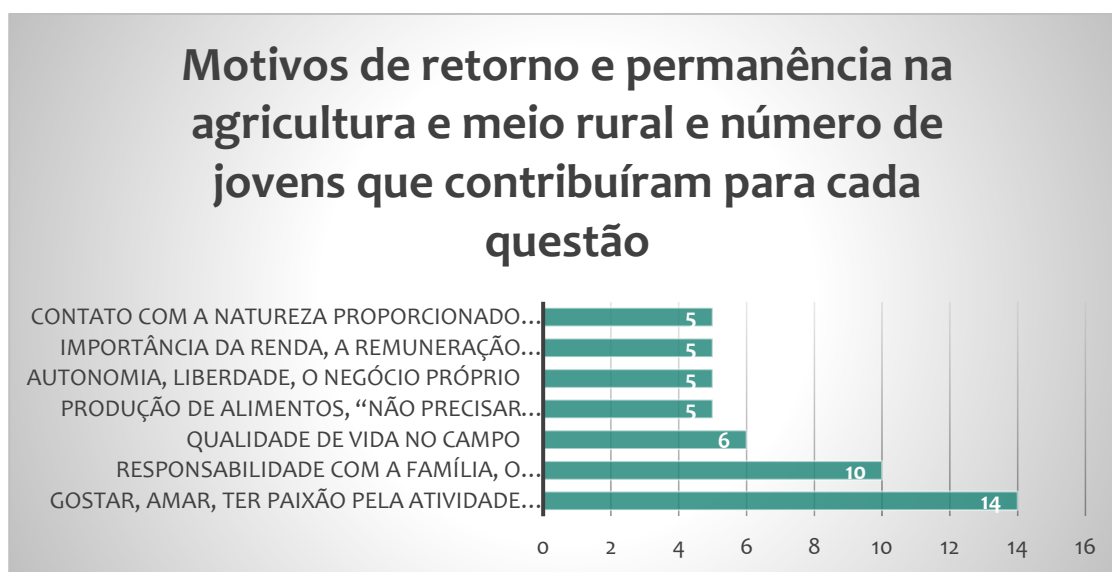


TABELA 3 - Razões de retorno e permanência

Org: Autora, 2022

É interessante observar que as respostas apresentadas pelos jovens a questão que lhes foi proposta foram bastante homogêneas e vieram com muita naturalidade. Embora alguns, especialmente os mais jovens, não demonstrassem tanta convicção em suas afirmativas, era possível perceber sua

sinceridade, o que leva a próxima dedução: De que os jovens, concordando com Carneiro (...) se dividem entre o desejo de ficar, e dar continuidade ao legado das gerações anteriores, e o de sair e construir vidas mais individualizadas em outros lugares. Quase sempre a segunda opção está ligada a jovens que se originam de famílias menos capitalizadas, nesta pesquisa. E finalmente a hipótese inicial da pesquisa se confirma, pois, os jovens demonstram que a identificação com a atividade e o meio rural é o maior motivo de retorno e permanência dos jovens no campo: o gostar, o amar o que se faz, todos os dias, como disse um deles.

Um aspecto muito importante percebido entre os jovens é o caminho da educação formal buscado por eles. A grande maioria está estudando, muitos graduados em cursos ligados à área agropecuária ou de gestão, confirmando a tendência de que na atualidade, para desenvolver qualquer atividade, é necessária a qualificação, a profissionalização do trabalho. Entre eles, sete (7) jovens estão cursando ou formados no ensino superior, todos na área agropecuária ou de gestão, três (3) estão cursando o técnico em agropecuária e técnico em administração e os demais estão ingressando, cursando ou concluíram o ensino médio.

Observou-se que onde tem sucessão rural, tem investimentos familiares, tem diálogo entre gerações, tem busca por alternativas e ampliação da renda, tem inovação tecnológica, tem mudanças, tem novidades. Existe um esforço familiar em construir a territorialidade do jovem no espaço rural, seja na continuidade das atividades que já estão consolidadas nas propriedades, seja no investimento de uma nova proposta.

Nesta pesquisa, o número de jovens homens foi um pouco maior do que as jovens mulheres. Mas ficou explícito que aquelas que ficam buscam maior qualificação e o “papel principal” na atividade escolhida. Elas se colocam em pé de igualdade nas atividades da propriedade, ou mesmo desenvolvem sozinhas atividades outrora consideradas “masculinas”. Para isso, percebeu-se que recebem incentivo de seus familiares, para estar no lugar de comando, ou gestão, ou de responsabilidade em alguma atividade específica. Também é possível perceber que isso gera uma sobrecarga no trabalho, a exemplo da problemática enfrentada pelas mulheres do espaço urbano. A maioria dos jovens demonstra o interesse de construir suas próprias famílias, o que foi escrito por muitos na atividade “linha do tempo”.

Desta forma reflete-se que a pesquisa alcançou seus objetivos, identificando os motivos de retorno e permanência dos jovens no espaço rural, destacando-se a primeira hipótese que era da identificação com a atividade rural. A renda, a autonomia, o comprometimento familiar e o diálogo entre as gerações são fortes razões de retorno e permanência dos jovens.

As contribuições da ciência geográfica se deram principalmente nas reflexões e construções quanto ao conceito de território e região, que muito se destacaram na pesquisa e contribuíram para o entendimento da realidade vivenciada pelos jovens rurais.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. (Coord.). **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: UNESCO, 1998. Disponível em: <http://unesco.unesco.org>. Acesso em 10 de jun. 2016.
- BERTÊ, A. M. A.; LEMOS, B. O.; TESTA, G.; ZANELLA, M. A. R.; OLIVEIRA, S. B. **Perfis Socioeconômicos dos COREDES**. Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, n.26, p.146-181. Porto Alegre: Secretaria do Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional. 2016.

BRASIL. Lei 12852/2013. **Dispõe sobre o Estatuto Da Juventude. Dos direitos e das políticas de juventude.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em 14 de abril de 2021.

BRASILEIRO, L.A.M. **A relevância do enfrentamento da invisibilidade social das juventudes do sertão central cearense em contexto de conflito ambiental.** Revista Rural & Urbano, Recife. v. 01, n. 01, p. 83-88, 2016.

BRUMMER, A. **A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade negrito.** IN: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G.D. (Org.). **Juventude rural em perspectiva negrito.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/a-problematica-dos-jovens-rurais-na-pos-modernidade-artigo.html>. Acesso em 15 Set. 2022.

CARNEIRO, M. J. **O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais.** In: SILVA, F. C. T. D. SANTOS, R. COSTA, L.F.C. (orgs.) **Mundo Rural e Política.** Rio de Janeiro, Ed.Campus/Pronex, 1998.

CASTRO, E. G. D. **Entre fica e sair: uma etnografia da construção da categoria jovem rural.** Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2005.

CAVALIERI, L. **Migração e reprodução social: tempos e espaços do cortador de cana e de sua família.** Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia Humana. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CHELOTTI, M. C. **A estância metarfoseou-se: (re)configurações territoriais e expressões da reterritorialização camponesa na campanha gaúcha (1990-2007).** Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

DAVID, C. D. **Estratégias de reprodução familiar em assentamentos: Limites e possibilidades para o desenvolvimento rural em Canguçu – RS.** Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

EMATER/RS-ASCAR. **Plano de Trabalho do Curso de Empreendedorismo e Desenvolvimento para juventude rural.** Centro de Treinamento de Bom Progresso/RS. 2022. (impresso).

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Plano estratégico de desenvolvimento regional do Corede Celeiro do Rio Grande do Sul.** 2015-2030. Corede Celeiro: Três Passos, 2017. Disponível em: <https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201710/11104701-plano-celeiro.pdf>. Acesso em 07 Ago 2022.

_____. **Perfil socioeconômico do Corede Celeiro.** Secretaria de Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional. Departamento de Planejamento Governamental: Porto Alegre, 2015.

_____. **Dinâmicas territoriais recentes no Estado do Rio Grande do Sul.** Antonio, P. C.; Bertê, A. M. A.; Lemos, B. D. O; oliveira, S. B. D. O. (coord.) - Porto Alegre: FEE, 2014. v: il. – (RS 2030: agenda de desenvolvimento territorial).

GRISA, C; SCHNEIDER, S. **Três gerações de políticas públicas para a agricultura familiar e formas de interação entre sociedade e estado no Brasil.** Revista de economia e sociologia rural. v. 52. n.1. Piracicaba, SP: 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/rVgHTgTzPC9WDsndRqMPtmf/>. Acesso: 10 de Jan. 2022.

HAESBAERT, R. **Des-caminhos e perspectivas do território**. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. Território e desenvolvimento: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2021. p. 87-120.

IBGE. **População jovem no Brasil**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/9292-populacao-jovem-no-brasil.html?=&t=o-que-e>. Acesso em 14 de Abr. 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

Santos, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. **O retorno do território**. In: SANTOS, M et al. (Orgs.): Território: Globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec/Anpur, p. 15 – 20, 1994.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: EdUSP, 2007.

SAVIAN, M. **A sucessão geracional na agricultura familiar de Ponta Alta-SC**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. Companhia das Letras. Tradução: Laura Teixeira Motta. Revisão técnica. Ricardo Doninelliii Mendes. São Paulo, Companhia das Letras: 2000. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/19539/mod_resource/content/2/CHY%20-%20Sen%20-%20Aula%208.pdf Acesso em 22 Fev. 2022.

_____. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

SERPA, A. **O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórica-metodológica**. In: Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, nº 84, p. 7-24, 2006.

UNESCO. **Juventude no Brasil**. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/youth-brasil>. Acesso em 14 Abr. 2021.

WEISHEIMER, N. **Situação juvenil e projetos profissionais de jovens agricultores familiares do Recôncavo da Bahia**. Estudos Sociedade e Agricultura, 2019. vol 27. Disponível em: https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/ESA27-1_situacao_juvenil/ESA27-1_situacao_juvenil_HTML. Acesso em 14 Abr. 2021.

_____. **Sobre a invisibilidade social das juventudes rurais**. nº.1. Densidades, 2013.

_____. **A situação juvenil da agricultura familiar**. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ZORZI, A. **Transmissão da propriedade: uma etapa da reprodução social na agricultura familiar**. Porto Alegre. Departamento de Sociologia, UFRGS, 2005. (Trabalho de conclusão de curso de Ciências Sociais).

RURAL YOUTH IN THE CELEIRO REGION OF RIO GRANDE DO SUL: REASONS TO STAY, REASONS TO RETURN

Abstract: This research seeks to unravel the reasons for the return and permanence of rural young people to the countryside, in the Celeiro region of the state, even following the opposite path to statistics, which points to around 85% of urbanization in Brazil. Young people leave the countryside for various reasons, including lack of income, autonomy, participation in rural property management, problems in family relationships, and young women are the ones who leave the countryside the most. In this qualitative research, the bibliographic review was developed around the themes Rural Youth, territory, region, rural development and public policies, in the areas of human and agrarian sciences, as contributors to the process of permanence of young people in the countryside, being researched the contributions of geographers with the proposed questions. For the action-research field work, the Entrepreneurship and Development Course for Rural Youth, carried out by the Training Center for Farmers of Bom Progresso, from Emater/RS – Ascar of the intermediate region of Ijuí, was the research laboratory, where 24 young people participated, from 10 municipalities. We sought to demonstrate the perspective of young people, the main subjects in focus, building analyzes and reflection results.

Keywords: Rural youth. Celeiro Region. Territory. Rural development.

JUVENTUD RURAL EN LA REGIÓN DE CELEIRO DE RIO GRANDE DO SUL: MOTIVOS PARA QUEDARSE, MOTIVOS PARA REGRESAR

Resumen: Esta investigación busca desentrañar las razones del retorno y la permanencia de los jóvenes rurales al campo, en la región de Celeiro, en el estado, incluso siguiendo el camino contrario a las estadísticas, que apuntan alrededor del 85% de la urbanización en Brasil. Los jóvenes salen del campo por diversas razones, entre ellas la falta de ingresos, autonomía, participación en la gestión de la propiedad rural, problemas en las relaciones familiares, y las mujeres jóvenes son las que más salen del campo. En esta investigación cualitativa, se desarrolló la revisión bibliográfica en torno a los temas Juventud Rural, territorio, región, desarrollo rural y políticas públicas, en las áreas de ciencias humanas y agrarias, como coadyuvantes del proceso de permanencia de los jóvenes en el campo, siendo investigó las contribuciones de los geógrafos con las preguntas propuestas. Para el trabajo de campo de investigación-acción, el Curso de Emprendimiento y Desarrollo para Jóvenes Rurales, realizado por el Centro de Formación de Agricultores de Bom Progresso, de Emater/RS – Ascar de la región intermedia de Ijuí, fue el laboratorio de investigación, donde participaron 24 jóvenes participaron personas de 10 municipios. Buscamos evidenciar la perspectiva de los jóvenes, los principales sujetos en foco, construyendo análisis y resultados de reflexión.

Palabras clave: Juventud rural. Región de Celeiro. Territorio. Desarrollo Rural.

RECEBIDO EM: 24/07/2022

ACEITO EM: 11/07/2024